

## MOVIMENTOS SOCIAIS NA INTERNET: o engajamento do jovem no ensino médio, um estudo coletivo.

Cláudia M. França  
Marcos Sokulski

**RESUMO:** O Colégio Sesi da Indústria tem como prática o Encontro Coletivo, espaço onde os docentes, coordenação e orientação pedagógica se reúnem para discutir as questões da metodologia, da prática pedagógica e das grandes questões que envolvem as juventudes. O relato que segue descreve os estudos relacionados aos movimentos sociais a partir de leitura específica e contribuições dos professores e professoras do Ensino Médio, estudos estes realizados nos encontros coletivos entre julho e setembro de 2020.

**PALAVRAS-CHAVE:** Colégio Sesi, Estudo Docente, Movimentos Sociais.

## INTRODUÇÃO

A prática do Colégio Sesi da Indústria em garantir o encontro coletivo para os professores, mediado pela orientação pedagógica, com carga horária atrelada ao contrato de trabalho do educador, é importante e inovadora em três aspectos: garante que as decisões para a melhoria da aprendizagem sejam tomadas pelo coletivo, fortalece os princípios da metodologia das oficinas de aprendizagem e abre espaço para o estudo mediado e coletivo sobre os temas que transversalizam a educação básica de nível médio.

Temos um objetivo comum em manter estudos que tangenciem nossa ação pedagógica, e, ao longo dos anos, revimos questões importantes relacionadas ao comportamento jovem, saúde emocional, dificuldades de aprendizagem, relacionamentos, entre outros.

Durante a pandemia, no espaço tempo em que ainda não é possível realizar o encontro coletivo semanal de forma presencial, as reuniões são realizadas de maneira presencial conectada e o estudo dirigido mediado de forma assíncrona utilizando a mesma plataforma, através de listas de discussão desencadeadas com questionamentos da pedagoga.

A primeira discussão foi lançada em 27 de julho de 2020 e finalizada em 02 de setembro do mesmo ano, sendo a questão contemporânea a ser estudada a construção de redes em ciberespaços, mais especificamente, os movimentos sociais vividos na era da internet e como os professores percebem o engajamento desses jovens e, ainda, quais as pautas mais defendidas.

Para nosso estudo, tomamos como base o livro de Manuel Castells, “Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet”, lançado pela Zahar em 2013. Os relatos históricos apresentados na obra foram sendo lançados na plataforma, com conteúdo disponibilizado via *chat*, abrindo para que os professores escrevessem suas considerações ou pesquisas acerca do tema nas já mencionadas listas de discussão. Diante desse processo, apresenta-se o registro das discussões.

Os movimentos sociais podem ser compreendidos como uma ação coletiva, “uma forma da população se organizar, expressar os seus desejos e exigir os seus direitos” são, basicamente. “Fenômenos históricos, que resultam de lutas sociais, que vão transformando e introduzindo mudanças estruturais nas sociedades”<sup>1</sup>. Nossa abordagem é perceber, dentro do universo do ensino médio, os novos movimentos sociais, e como se manifestam nas redes sociais. Entendendo que as redes sociais possuem grande potencial para agregar interesses e difundir ideias, sendo amplamente utilizados pelos alunos do colégio.

Essas relações mais horizontais, com os aspectos citados por FRASER<sup>2</sup>, que se refere às lutas por reconhecimento como a principal forma de conflito e motivo de luta, surgindo no final do século XX, bandeiras como nacionalidade, etnicidade, gênero, “raça” e sexualidade, em contrapartida aos movimentos tradicionais, históricos, cuja principal crítica é a reprodução, dentro do movimento, das estruturas que tentam combater, como a hierarquia, tendo como principal ator a figura do militante, é a marca histórica do movimento social pensado em rede, agora virais, sem liderança, horizontais, favorecendo a cooperação e solidariedade, utilizando as *#hashtags* que proporcionam o engajamento de indivíduos que não possuem nenhum tipo de relação.

Discutindo este importante paradigma ao final do século XX, Castells baseia sua leitura dos movimentos sociais considerando o ciberespaço como um campo propício para “articular mentes, criar significado e contestar o poder”, movimentos que tendem a ganhar o espaço urbano, em lugares simbólicos, e destaca o caráter inusitado para o ano de 2011, o qual o autor determina como um marco para o início da era dos movimentos sociais na internet:

Ninguém esperava. Num mundo turvado por aflição econômica, vazio cultural e desesperança pessoal, aquilo apenas aconteceu. Subitamente, ditaduras podiam ser derrubadas pelas mãos desarmadas do povo, mesmo que essas mãos estivessem ensanguentadas pelo sacrifício dos que tombaram. (p.11)

1 Fonte: <https://www.politize.com.br/movimentos-sociais>. Acesso em 23/09.2020.

2 Nancy Fraser (Baltimore, 20 de maio de 1947) é uma filósofa afiliada à escola de pensamento conhecida como Teoria Crítica.

Nesse cenário novo, o autor descreve que mágicos das finanças viraram alvos de desprezo universal, políticos viram-se expostos, governos foram denunciados e a mídia tornou-se suspeita, “a confiança desvaneceu-se. E a confiança é o que aglutina a sociedade, o mercado e as instituições. Sem confiança nada funciona. Sem confiança o contrato social se dissolve e as pessoas desaparecem, ao se transformarem em indivíduos defensivos lutando pela sobrevivência”.

Dessa forma, os movimentos sociais espalharam-se de forma rápida e indelével pelas sociedades, o autor passa a discutir esta dinâmica, mudança fundamental no domínio da comunicação. Castells discute de onde vêm os movimentos sociais, explicitando que estes

tem raízes na injustiça fundamental de todas as sociedades, implacavelmente confrontadas pelas aspirações humanas de justiça” (p.20), descreve, um pouco adiante, que em cada contexto social, “os usuais cavaleiros do apocalipse cavalgam juntos sob uma variedade de formas ocultas: exploração econômica, pobreza desesperançada, desigualdade injusta, comunidade política antidemocrática, Estados repressivos, judiciário injusto, racismo, xenofobia, negação cultural, censura, brutalidade policial, incitação à guerra, fanatismo religioso, descuido com o planeta, desrespeito à liberdade pessoal, violação da privacidade, gerontocracia, intolerância, sexismo, homofobia e outras atrocidades da extrema galeria de quadros que retratam os monstros que somos nós.

No próximo capítulo, o autor determina como a origem dos movimentos sociais a insurgência política na Tunísia, “ponto de referência para os movimentos sociais que sacudiram a ordem pública no mundo árabe” (p.27). A revolução começou com o gesto fatal de um homem, na cidadezinha de Sid Boiuzid, na região central da Tunísia, em 2010. Mohamed Bouazizi, vendedor ambulante imolou-se por fogo diante de um prédio do governo, como um último grito de protesto contra a humilhação do constante confisco de sua barraca de frutas e verduras a cada vez que ele se recusava a pagar propina para a polícia corrupta do local. Repetindo o icônico ato do monge budista em Saigon no ano de 1963, como forma de protesto a perseguição religiosa no Vietnã do Sul. E assim como a foto do monge em chamas chamou a atenção mundial, as redes sociais atualmente assumem esse papel de difusão, mas de forma muito mais dinâmica.

O primo de Mohamed, Ali, registrou o protesto e distribuiu o vídeo pela internet que, via Facebook, YouTube e Twitter, viralizou, formando “comboios de solidariedade” que, em janeiro de 2011, foi nomeado de Comboio da Liberdade, partindo da cidadezinha de Sid Boiuzid, chegando a Túnis e derrubando o governo provisório. Era o prenúncio do movimento social híbrido, lançado a partir de um homem só, que refletia toda a indignação de um povo, e

alcançou uma força espetacular na internet, até então não explorada. A *hashtag* #sidbouzid registrou a discussão da revolução tunisiana.

Após a leitura do trecho acima descrito, a discussão foi lançada aos professores solicitando que estes descrevessem como percebem a participação do jovem do ensino médio nos movimentos sociais na internet e como é o nível de engajamento destes.

FUCHS<sup>3</sup> descreve que, neste momento de pandemia, o uso das redes sociais aumentou consideravelmente. Esclarece que, para muitos, é a única forma de manter a interação com amigos, família e realizar seus estudos. Segundo a professora, houve a necessidade da adaptação ao estudo em casa, a exemplo do *home office*.

Muitos adolescentes também buscam neste meio uma forma de não se sentirem isolados, necessitando desta sociabilidade digital para manter, segundo eles, sua rotina. Porém isto transforma muitos deles em presas fáceis para pessoas mal-intencionadas.

Destaca-se o sentido de convivência da rede social maximizado pelo isolamento imputado pela pandemia, potencializando o engajamento as questões sociais via redes, com os jovens dispondo de mais tempo.

Contudo, na descrição de CARLOS<sup>4</sup> “o jovem ainda não percebeu a força e as oportunidades que a internet de um modo geral proporciona”. E, quanto a exposição nas redes sociais, descreve que o jovem, da faixa etária que atendemos, está mais preocupado em “demonstrar uma falsa realidade em busca de aprovação ou de uma autopromoção”. Sem dúvidas as redes sociais são o novo espaço da busca de aprovação e de promoção da imagem, o que não impede o engajamento superficial ou não a determinadas causas.

É possível que, pertencendo a gerações distintas, parte dos professores ainda não estão convictos da legitimidade dessas bandeiras ou não as percebem como, na concepção de TILLY<sup>5</sup> que, conforme os tempos vão mudando os argumentos vão mudando também. A dinâmica veloz das transformações acaba proporcionando estes conflitos de gerações, ressaltando que mudanças geram reações conservadores em determinados setores da sociedade.

<sup>3</sup>FUCHS, Silmara Elis. Texto extraído de lista de discussão “Movimentos Sociais” Estudo/ Encontro Coletivo. SESI, Serviço Social da Indústria. Colégio Sesi da Indústria. Rio Negro PR, julho/setembro 2020.

<sup>4</sup>CARLOS, Daniel. Texto extraído de lista de discussão “Movimentos Sociais” Estudo/ Encontro Coletivo. SESI, Serviço Social da Indústria. Colégio Sesi da Indústria. Rio Negro PR, julho/setembro 2020.

<sup>5</sup>Charles Tilly (Lombard, 27 de maio de 1929 - Nova Iorque, 29 de abril de 2008) foi um sociólogo, cientista político e historiador norte-americano.

Já para LEHMANN<sup>6</sup> os jovens com os quais temos maior contato tendem a se mostrar mais conscientes com os problemas globais que enfrentamos na atualidade. Destaca que a tomada de consciência sobre o coletivo deve-se, em muito, a convivência e mediação de adultos, que relataram fatos sobre ditaduras e guerras, além da “influência de uma cultura popular que chama a atenção para o que pode vir a acontecer se as pessoas não tomarem conhecimento do que está “debaixo dos nossos narizes”, como: “Black Mirror”, “Jogos Vorazes” e “Divergente”.” A distopia, inclusive nos exemplos citados já são de conhecimento dos alunos, sendo trabalhados em uma oficina específica do tema.

As bandeiras levantadas diferem pelas realidades enfrentadas por cada um, mas na maioria cresce um sentimento por justiça, e buscar fazer a diferença. É perceptível a característica do novo paradigma dos movimentos sociais em rede quanto à atemporalidade, sendo desencadeados por indignação. Ainda mais em um contexto de acirramento das desigualdades, com a crescente desigualdade social com a fragilização dos menos privilegiados e a concentração de renda cada vez maior e consequentemente mais aparente.

SOKULSKI<sup>7</sup> refere-se ao contexto político especificamente, e percebe que alunos e jovens da mesma faixa etária ainda envolvidos em uma discussão polarizada, não mais sobre lideranças políticas (como no período eleitoral), mas sobre as pautas levantadas pelos diferentes polos, reforçando ainda a ideia de que a movimentação baseada em reconhecimento é a forma de mobilização mais comum em rede, ainda que a faixa etária que convivemos no ensino médio, não se mostre ainda engajada em sua maioria:

Por outro lado, em menor quantidade, é perceptível o engajamento de jovens em pautas sociais com maior conhecimento do tema, normalmente em temas que dizem respeito a sua realidade como veganismo, meio ambiente, direitos LGBTQ+, sendo mais sensíveis a pautas sociais mais abrangentes como racismo e desigualdade social, autoritarismos. É preciso ressaltar que se por um lado as redes sociais permitem um maior alcance e maior engajamento em determinadas pautas, os mesmos veículos inundam de informação seus usuários o que pode gerar mais confusão, falta de entendimento, que formar uma opinião crítica.

O professor atenta para a restrição de acesso, considerando que este tipo de conteúdo não atinge, por exemplo, as camadas menos privilegiadas, mais sensíveis a desigualdade e expostas as injustiças sociais, destacando que “as empresas de grande porte já conhecem o

<sup>6</sup> LEHMANN, Marinês Osik. Texto extraído de lista de discussão “Movimentos Sociais” Estudo/ Encontro Coletivo. SESI, Serviço Social da Indústria. Colégio Sesi da Indústria. Rio Negro PR, julho/setembro 2020.

<sup>7</sup> SOKULSKI, Marcos. Texto extraído de lista de discussão “Movimentos Sociais” Estudo/ Encontro Coletivo. SESI, Serviço Social da Indústria. Colégio Sesi da Indústria. Rio Negro PR, julho/setembro 2020.

poder do engajamento que as redes sociais possuem e se utilizam de pautas atuais para capitalizar e utilizar o engajamento para a promoção da marca.”

A opinião de TESSARO<sup>8</sup> converge para o exposto acima. Na percepção do professor, os alunos sofrem um “soterramento de informações”, não filtrando a informação, além de não aprofundar o conhecimento sobre o tema ou a “bandeira” levantada. Para o professor, o real motivo da participação em movimentos sociais em rede é ser observado, encontrar destaque. A hiperinformação é uma realidade que não pode ser ignorada, a quantidade e a dinâmica das informações pode provocar uma desinformação maior, somado as fake news que se beneficia do contexto, em que a velocidade das informações, ou desinformações, não permitem a verificação cuidadosa dos fatos.

Sobre o papel do educador no processo de formação do sujeito, destacando-se inclusive a seleção da informação e a importância da mudança social, a professora Silmara Elis Fuchs<sup>5</sup> traz o pensamento de PUIG (Josep Maria) no livro: Educação e valores: Pontos e Contrapontos (Summus Editorial; 2ª Edição: 2007), considerando que a reflexão ajuda a compreender o que são valores e sua importância para os processos de formação crítica do sujeito:

Ter valores significa possuir um conjunto de hábitos de reflexão. Significa estar disposto a repetir comportamentos desejáveis, algo próximo das virtudes, mas, além disso, comportamentos desejáveis que assumimos não apenas por tê-los aprendido, que seria apenas um hábito mecânico, mas porque temos a convicção de que devemos manifestá-los. Uma convicção de emoções que surge da consideração reflexiva de emoções e de razões que avalizam os hábitos de valor. Portanto, os valores são hábitos que aprendemos – comportamentos que podemos repetir –, mas que, além disso, tornamos nossos, considerando e avaliando – refletindo – as motivações que nos são oferecidas pelas emoções e pelas razões.

Destaca a professora que o educador deve estar engajado no objetivo de oportunizar a discussão em sala de aula para quais são os principais valores de uma nova mudança para as gerações futuras, pois isto estará presente nos aspectos sociais, culturais, políticos e cognitivos de cada um. Preconiza que formar sujeitos éticos capazes de se indignarem com as desigualdades e injustiças, por exemplo é muito urgente, considerando essa tarefa árdua no sentido que o dilema de estabelecer como corretos os próprios valores que, por sua vez, talvez não sejam os mesmos. Assim o estímulo ao senso crítico é tarefa crucial do educador, buscando munir o aluno de ferramentas para o pensamento crítico. Afinal, nesta idade de formação de conceitos, os jovens estão muito suscetíveis e podem acabar sendo manipulados.

<sup>8</sup> Tessaro, Alysson Marcon. Texto extraído de lista de discussão “Movimentos Sociais” Estudo/ Encontro Coletivo. SESI, Serviço Social da Indústria. Colégio Sesi da Indústria. Rio Negro PR, julho/setembro 2020.



Em um *post* seguinte, os participantes tomaram conhecimento de outro momento histórico na mudança de paradigma acerca dos movimentos sociais, segundo Castells, descrita como a “Grande Desconexão”.

O autor descreve em “Redes de indignação e esperança” a Revolução de 25 de janeiro no Egito. Por ser extremamente dramática, considerando uma série de autoimolações, prisões e desaparecimentos, o dissidente egípcio Kareem Amer escreveu em seu blog, referenciando os fatos de 2010-12: *em homenagem a Christoph Probst, Hans Scholl e Sophie Scholl, decapitados no dia 22 de fevereiro de 1943 por terem se atrevido a dizer não a Hitler e sim à liberdade e à justiça para todos*, recordando o grupo de ativistas antinazista que se autodenominaram Rosa Branca, que redigiu e distribuiu secretamente seis panfletos denunciando as atrocidades nazistas. Sophie e seu irmão Hans Scholl foram capturados pelos nazistas, julgados, condenados e decapitados.

A Revolução egípcia tem suas raízes na luta contra opressão, injustiça, sexismo, pobreza, desemprego e brutalidade policial, com manifestações e protestos que culminaram na ocupação da Praça Tahrir, ampliando-se pela internet:

A mais destacada dessas iniciativas foi a rede criada em torno do grupo do Facebook “Todos somos Khaled Said”, em alusão à memória do jovem ativista espancado até a morte pela polícia em junho de 2010 num cibercafé em Alexandria, após distribuir um vídeo mostrando a corrupção policial. O grupo, criado por Wael Ghonim, jovem executivo do Google, e Abdul Rahmann Mansour, teve a adesão de dezenas de milhares de pessoas no Egito e em todo o mundo. (p.50)

Nessa análise, também se percebe que os espaços de resistência físicos, que levavam muitas pessoas aos espaços públicos, foram transferidos para a internet, dada a ferocidade da polícia na repressão do movimento. Contudo, “nenhum desafio à autoridade do Estado fica sem resposta” (p.57), e, nesse caso, houve censura à mídia e bloqueio à internet no Egito.

Ao bloquear a internet no país todo, o governo não contou com a vigilância da comunidade global da web. Vieram em socorro ao movimento, hackers, techies, empresas, defensores dos direitos humanos e redes de militantes como a Anonymous, desenvolvendo programas de mensagens automáticas telefônicas para máquinas de fax no Egito, conversão de tuítes em mensagens de voz, decodificação de rádio amadores entre outras estratégias dignas de filmes de espionagem.

O bloqueio finalmente foi desfeito e mostrou-se ineficaz no que se refere em conter o movimento e porque gerou perdas vultuosas na economia egípcia, além de ter vindo muito tarde, pois já havia uma revolução em movimento.

Com o slogan retirado do blog “Todos por Khaled Said “A INFORMAÇÃO NÃO É MERCADORIA, É UM BEM PÚBLICO”, os professores foram provocados a pensar sobre como percebem o compartilhamento das informações dos jovens via *#hashtags* nas redes e se consideram relevantes. STACHELSKI<sup>9</sup> acredita que os jovens são, praticamente, são a favor de todas as bandeiras, mas sempre de uma forma imediatista, “logo aí na frente” já não lembram mais, ou seja, já defendem “novas bandeiras”. O professor acredita que parece ser espontâneo, mas está relacionado a leitura fracionada, poucos conseguem ler uma obra completa.

Faz uma analogia ao mito da caverna de Platão, considerando que percebe que os jovens “estão interligados com o mundo, mas isolados na “caverna” redes sociais.” A este respeito é necessário salientar as denúncias frequentes do controle da informação através dos algoritmos das redes sociais, que privilegiam determinados conteúdos em detrimento de outros, assim a alegoria citada pelo professor se torna bastante rica para a discussão,

Castells, aponta para mais uma grande mudança a partir dos movimentos sociais: a revolução das panelas na Islândia. Em 2008 o fracassado modelo de especulação econômica da Islândia entrou em colapso, o mercado desabou, a bolsa de valores desabou a terríveis 95%, a confiança do povo nos governantes caiu quase a zero, desemprego e desespero tomaram conta da população, tudo resultado do capitalismo especulativo do que o mundo chamou de *banksters*, ressaltando que a crise financeira de 2008 foi um fenômeno global. O autor ressalta que cada revolução tem sua data de nascimento e seu herói rebelde”, naquela terra de gelo e fogo em outubro de 2008 foi o cantor Hordur Torfason, que se sentou em frente ao edifício do Althing – o parlamento islândes em Reykjavik e cantou sua fúria contra os *banksters* e os políticos islandeses.

A cena foi registrada e a reação foi instantânea, o vídeo viralizou nas redes sociais e os protestos intensificaram tanto na internet quanto nas praças. Como forma de engajamento nos protestos os manifestantes usavam tambores, panelas e frigideiras exigindo a renúncia do governo e novas eleições. Com a convocação de novas eleições houve um grande engajamento para uma reforma constitucional em que os cidadãos participaram do debate via Twitter promovendo uma construção colaborativa de um novo conjunto de leis, rotulada por uns de *wikiconstituição*.

Assim, segundo Castells, “as duas revoltas se deram contra as consequências de uma crise econômica profunda” (p.47), na Tunísia por conta de um Estado predador e na Islândia

<sup>9</sup> STACHELSKI, Vítório. Texto extraído de lista de discussão “Movimentos Sociais” Estudo/ Encontro Coletivo. SESI, Serviço Social da Indústria. Colégio Sesi da Indústria. Rio Negro PR, julho/setembro 2020.



por um colapso econômico. Em ambos os casos, telefones celulares e redes sociais desempenharam importante papel no que se refere a difundir informação e imagens de seus dois “heróis rebeldes”, Mohamed Bouazizi, vendedor ambulante, e Hordur Torfason, músico.

Guardadas as proporções, os professores foram provocados a pensar como o educador (a) pode ser significar um agente de mudança? É papel da escola promover a discussão e o engajamento em algumas causas? O professor se considera um formador de opinião?

VECHIATTI<sup>10</sup> acredita que o professor que cria vínculos com os alunos, sejam emocionais ou por admiração do intelecto, automaticamente se torna uma referência para seu aluno, consequentemente um formador sim de opinião.

De modo geral e na percepção de NOTHI<sup>11</sup>, os movimentos sociais foram e são importantes instrumentos de transformação social e de efetivação da cidadania. Temos registros de ações coletivas, desde a antiguidade quando os cidadãos se reuniam na Ágora para debater assuntos políticos, econômicos e sociais da pólis (cidade-estado), até a atualidade onde as redes sociais se tornaram um importante meio de propagação do ativismo social.

A professora resume também que, dependendo do momento histórico, as características dos movimentos sociais podem ser alteradas, variando de lutas pelas conquistas de direitos civis até reivindicações por uma sociedade mais justa e democrática. Temos exemplos da Revolução Francesa que tinha como ideais a liberdade, a igualdade e a fraternidade até a derrubada de governos autoritários como mencionado na obra de análise.

NOTHI ainda descreve a realidade brasileira, considerando que,

Muitos movimentos sociais são organizados pela juventude, que veem nos mesmos uma poderosa força de mudança social. A União Nacional dos Estudantes (UNE), foi a principal responsável pelo movimento das Diretas Já, que colocou fim a vinte e um anos de regime ditatorial no nosso país. O movimento dos caras pintadas promoveu o impeachment de um presidente acusado de corrupção. O movimento Negro lutou por políticas afirmativas de igualdade e contribuiu para a criação do sistema de cotas. O movimento LGBT conseguiu o reconhecimento da união homoafetiva. E assim, podemos estar mencionando vários exemplos onde não somente a juventude, mas principalmente eles buscaram alternativas por meio de denúncias e reivindicações para a mudança da ordem vigente.

NOTHI cita Habermas, os novos meios de comunicação e informação como a internet, permitiram o chamado “agir comunicativo”, onde desenvolvem-se novos saberes. Para a professora, porém, essa facilidade de comunicabilidade pode trazer alguns problemas, dentre

<sup>10</sup> VECHIATTI, Angela Bauer. Texto extraído de lista de discussão “Movimentos Sociais” Estudo/ Encontro Coletivo. SESI, Serviço Social da Indústria. Colégio Sesi da Indústria. Rio Negro PR, julho/setembro 2020.

<sup>11</sup> NOTHI. Edineia Padilha. Texto extraído de lista de discussão “Movimentos Sociais” Estudo/ Encontro Coletivo. SESI, Serviço Social da Indústria. Colégio Sesi da Indústria. Rio Negro PR, julho/setembro 2020.

eles o fato de que temos muitos jovens que agem pelo chamado “modismo”, sem realmente entender o real objetivo daquela luta. A falta de leitura de materiais oficiais ou sites seguros faz com que haja a propagação das chamadas *fake news* e em alguns momentos o ideário do movimento acaba sendo distorcido.

Em tempo, NOTHI acrescenta que, com relação as principais bandeiras levantadas pelos jovens a autora Maria da Glória Gohn (2010, p. 4)<sup>12</sup> menciona

[...] Lutam contra a exclusão, por novas culturas políticas de inclusão. Lutam pelo reconhecimento da diversidade cultural. Questões como a diferença e a multiculturalidade têm sido incorporadas para a construção da própria identidade dos movimentos. Há neles, na atualidade, uma ressignificação dos ideais clássicos de igualdade, fraternidade e liberdade. A igualdade é ressignificada com a tematização da justiça social; a fraternidade se retraduz em solidariedade; a liberdade associa-se ao princípio da autonomia – da constituição do sujeito, não individual, mas autonomia de inserção na sociedade, de inclusão social, de autodeterminação com soberania. Finalmente, os movimentos sociais tematizam e redefinem a esfera pública, realizam parcerias com outras entidades da sociedade civil e política, tem grande poder de controle social e constroem modelos de inovações sociais.

Percebe-se assim o potencial de transformação da mobilização das redes sociais, obviamente com seus problemas, estando os alunos em maior ou menor grau envolvidos nas questões debatidas, com suas distintas motivações, sendo uma realidade que não pode ser ignorada. A sensibilização em relação a pautas identitárias, socioeconômicas fazendo parte do cotidiano e por isso mesmo devem fazer parte do espaço de debate que a escola proporciona. É necessário atentar que os exemplos históricos de mobilizações, resultando ou não em transformações sociais são dependentes de uma liderança ou ato simbólico e que as redes sociais têm importante papel na divulgação, engajamento e potencialização das mobilizações.

A percepção de que o Estado não é capaz de suprimir mobilizações reacionárias como a xenofobia, racismo e pautas de gênero, que estão em voga na atualidade, e o mesmo Estado também está fracassando no combate a desigualdades, em muitos casos estimula ou é o grande vetor de desigualdades é percebido pelos jovens que buscam se mobilizar conforme a sua realidade, a saber a das redes sociais. Entendendo que sem pressão da sociedade mudanças importantes para a sociedade, e/ou para a sua realidade não ocorrem. Algo importante a ressaltar a este respeito é de que a facilidade da mobilização das redes sociais, é vista de forma não legítima, sobretudo a gerações anteriores, é uma importante ferramenta para o jovem construir a sua identidade e busca de reconhecimento, ou até mesmo de identidade no contexto

<sup>12</sup> Disponível em <https://www.scielo.br/pdf/rbedu/v16n47/v16n47a05.pdf>

de uma modernidade líquida, disforme, creio que seja natural a busca de uma identificação, de uma causa.

Assim as redes sociais devem ser entendidas, com todos os defeitos que possuem, como ferramenta para a construção de uma identidade, de uma causa. Entendidas como forma de estímulo ao pensamento crítico e auxiliando a construção do conhecimento dos discentes, pelos bons e pelos maus exemplos.

Com a colaboração dos professores do Colégio Sesi Rio Negro é possível apontar que o professor pode, e deve, trazer para o ambiente da escola as discussões do mundo virtual. Promovendo o diálogo e estimulando o senso crítico nos discentes, munindo assim os alunos, dentro das possibilidades, de ferramentas, informações para discussões mais aprofundadas dos temas em voga, encurtando assim o hiato entre a escola e o mundo real. Entendendo assim que o propósito da docência não é somente a divulgação do conteúdo da disciplina, e sim cada vez mais se faz urgente aproximar a discussão dos conteúdos e sua aplicabilidade no mundo real.

O modelo conteudista do ensino já vem se modificando, e o Exame Nacional do Ensino Médio é passo importante deste processo, mas ainda há resistência, e pressões que impedem que as transformações na escola se aproximem da dinâmica da informação das redes sociais. A metodologia do Colégio Sesi em muito contribui para que o espaço do debate seja privilegiado, entre professor e aluno e entre os próprios alunos, com o modelo do aprendizado por oficinas temáticas e o trabalho em equipe dos discentes.

Cláudia M. FRANÇA  
Pedagoga, orientadora pedagógica do Colégio Sesi Rio Negro

Marcos SOKULSKI  
Professor de História do Colégio Sesi Rio Negro

Recebido em 08/03/2021  
Aprovado em 06/06/2021